Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

As comemorações da Revolta dos Colonos em seu cinquentenário: Francisco Beltrão/PR, 2007[1]

Settlers Revolt celebrations in its 50th anniversary: Francisco Beltrão/PR, 2007

Tiago Arcanjo Orben[2]

Resumo:

Este artigo tem como principal objetivo discutir o sentido das comemorações que fazem referência à Revolta dos Colonos ocorrida no Sudoeste do Paraná no ano de 1957. Assim, é dado destaque as comemorações alusivas ao cinquentenário deste movimento social em 2007, mais especificamente no município de Francisco Beltrão. Neste contexto, tem-se como principal premissa analisar o cronograma comemorativo elaborado pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, apresentando para discussão as ideias que moveram a comemoração. Tais fontes são essenciais para se refletir de que forma o projeto apropriou-se da luta social de 1957, no que se refere a anseios

[1]Este artigo faz parte do trabalho de conclusão de curso em História desenvolvido no ano de 2011, sob a orientação do Professor Dr. Robson Laverdi, Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no qual procurou-se trabalhar os sentidos das comemorações referentes ao cinquentenário da Revolta dos Posseiros/Colonos, com especial atenção para os eventos ocorridos no município de Francisco Beltrão.

[2]Graduação em História, licenciatura plena pela Unioeste. Mestre em História (2014) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutorando em História PUC-RS. Bolsista Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: tiagoaorben@gmail.com.

da atualidade no campo político e econômico, isto é, são ponderadas considerações para se refletir como as figuras públicas organizadoras da celebração aparecem de modo diferente dos comemorados.
Palavras chave: Francisco Beltrão; Efeméride; Revolta dos Colonos; Identidade.

Abstract:
This paper has as its aim to discuss the meaning of the celebrations concerning the Settlers Revolt which took place in Paraná southwest in 1957. Therefore, we highlight it regarding this social uprising 50th anniversary, specifically in Francisco Beltrão city context. Our main premise is to analyze the celebrations' schedule which was executed by the city municipal administration, thus we aim to discuss the ideas that encouraged its organization and realization. These sources are key in order to think about how the project seized the 1957 social struggle as its own, concerning current issues on political and economical areas. Therefore, we can reflect on how the public figures who are celebrating it now end up as different images than those of the ones who are actually being celebrated.
Keywords: Francisco Beltrão; Ephemeris; Settlers Revolt; Identity.

1. Introdução

Este artigo investiga as comemorações de 50 anos do conflito agrário conhecido como Revolta dos Colonos ou Posseiros, realizadas no Sudoeste do estado do Paraná, em especial no município de Francisco Beltrão. A efeméride comemorada em 2007 relembra a luta protagonizada por colonos em 1957. Assim, investiga-se a dimensão social do conflito e de que forma personagens ganharam destaque neste contexto de celebrações públicas.

Com isso, propõem-se discutir o cronograma comemorativo relativo ao projeto de comemorações elaborado pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão (PMFB), tentando identificar como os comemorados aparecem de forma diferente das figuras políticas que organizaram o evento. Para tanto, as fontes utilizadas nesta análise são

materiais disponibilizados pela PMFB, que possibilitam uma visão geral do processo e, assim, a percepção dos sentidos da comemoração.[3]

O conflito de 1957, no Sudoeste do estado do Paraná, deu-se basicamente entre posseiros[4] e companhias de terras, em especial a Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. – CITLA, além de suas subsidiarias Apucarana e Comercial. Na maioria dos casos, os colonos não tinham o título da terra. Migrantes do Sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina e de outras regiões do Paraná, chegavam à região incentivados pelo programa político governamental criado pelo presidente Getúlio Vargas, "Marcha para o Oeste."[5] Desta forma, com o auxílio da então criada Colônia Agrícola Nacional General Osório –

[3]Neste artigo serão apresentadas somente algumas atividades comemorativas promovidas pela PMFB. Indica-se isso, ao considerar o amplo processo comemorativo que envolveu o município de Francisco Beltrão e o Sudoeste do Paraná no ano de 2007, como o Projeto Comemorativo desenvolvido pelo então deputado federal Assis do Couto (PT/PR), por meio de seminários realizados nos municípios onde ocorreu o conflito de 1957 e a 22ª Romaria da Terra, organizada pela Comissão Pastoral da Terra e realizada no município de Francisco Beltrão. Para mais esclarecimentos, ver: ORBEN, Tiago Arcanjo. **As comemorações da Revolta dos Colonos/Posseiros no seu cinquentenário:** Francisco Beltrão/PR, 2007. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso/História, CCHEL – Colegiado de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2011.

[4]De acordo com a definição de Mario Grynszpan, "posseiro é aquele que se encontra na posse, que ocupa um trecho de terra, sem, no entanto, ser seu dono efetivo, ser portador de um título legal de propriedade. Posto desta forma, o termo pode ter aplicação tanto urbana quanto rural." GRYNSZPAN, Mario. Posseiro. In. MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

[5]Para Maria Esperança Carneiro, "A 'Marcha para Oeste' constituiu-se na primeira política efetiva dos governos Federal e estadual, no sentido de integração de novas áreas no processo de alargamento da fronteira econômica." Visava assim, "ao deslocamento espacial da força de trabalho para novas regiões férteis," com o objetivo de aumentar a "produção de alimentos para os centros urbanos do país". CARNEIRO, Maria Esperança. **A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas.** Goiânia: Cegraf, 1981.

Cango, ocorre a "ocupação intensiva" da região em grande medida nas décadas de 1940 e 1950 (GOMES, 1986, p. 16).

Com base no conflito de 1957, a historiografia, em especial a produzida no Paraná, resulta num vasto conteúdo de abordagens,[6] que, por algumas vezes, privilegiou os colonos e a conquista da terra, e, por outras, as companhias colonizadoras e os agentes do poder.

Neste sentido, em relação à CITLA, Hermógenes Lazier destaca características da empresa e sua ação, apontando que foi atuando como grileira que ela, em 1950, apareceu na região do Sudoeste do Paraná (LAZIER, 1998). Nesse período, Moyses Lupion, em seu segundo mandato à frente do governo do estado (1956-1961), facilitou a intensificação da cobrança das terras por intermédio dos jagunços,[7]

[6]Verificar: ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa:** o Sudoeste paranaense. 1981. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1981. AMÂNCIO, Silvia Maria. **Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico**: a Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões. Dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História – UEM, Maringá – PR, 2009. BATTISTI, Elir. As disputas pela terra no Sudoeste do Paraná: os conflitos fundiários dos anos 50 e 80 do século XX. **Campo-Território:** Revista de Geografia Agrária. v. 1, n. 2, p. 65-91, ago.2006. DAMBROS, Vanderlei et al. **1957-1997:** A Revolta dos Colonos. Francisco Beltrão: Grafit – Gráfica e Editora Ltda, 1997. GOMES, Iria Zanoni. **1957:** A Revolta dos Posseiros. Curitiba: Criar Edições, 1986. LAZIER, Hermógenes. **Análise Histórica da Posse de Terra no Sudoeste Paranaense.** 3. ed., Francisco Beltrão: GRAFIT Gráfica e Editora Ltda., 1998. MARTINS, Rubens da Silva. **Entre jagunços e Posseiros.** Curitiba: Studio GMP, 1986. PEGORARO, Éverly. **Dizeres em Confronto:** a Revolta dos Posseiros de 1957 na imprensa paranaense. Dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História UFF – Unicentro. Niterói – RJ, 2007. VOLTOLINI, Sittilo. **Retorno 2.** Pato Branco na Revolta dos Posseiros de 1957. 2. ed, Pato Branco: Fatex, 2003. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste:** ocupação e colonização. 2. ed., Curitiba: Lítero-Técnica, 1987.

[7]A designação jagunço, na maioria das vezes, é atribuída a um matador profissional ou pessoa de mau-caráter. No contexto do Sudoeste do Paraná, os

obrigando os colonos, em meio às disputas políticas, a organizar o levante contra as companhias. Em 1957, os posseiros deram início a ações armadas contra as companhias de terras, conforme destaca Éverly Pegoraro:

> [...] tomaram as suas cidades e expulsaram as companhias de terras e os jagunços, além de exigir a designação de novas autoridades municipais. O movimento teve semelhanças e diferenças em cada município onde se realizou. Os mais conhecidos são os de Pato Branco e Francisco Beltrão, porém em outras cidades como Barracão, Santo Antonio e Capanema também ocorreram levantes (PEGORARO, 2008, p. 110-11).

Pegoraro, ao apresentar o "movimento com suas semelhanças e diferenças em cada município onde se realizou", destaca não apenas a ênfase dos movimentos de Francisco Beltrão e Pato Branco, mas a ação dos colonos ao tomarem as cidades e "expulsarem as companhias de terras" nos municípios da região (PEGORARO, 2008, p. 110-11).

Ruy Christovam Wachowicz mostra a ação dos posseiros no município de Francisco Beltrão, destacando a organização na cidade e o dia 10 de outubro como a data do levante: "Foi então marcado o início do levante para o dia seguinte, 10 de outubro, após o meio-dia. Os colonos do interior já sabiam que um dia seriam chamados para expulsar as companhias e seus jagunços" (WACHOWICZ, 1987, p. 260).

A partir destas questões, é preciso ressaltar que o conflito foi pelo direito a terra, no qual colonos defenderam seus interesses. A vitória de 1957 significou muito para suas vidas, a vontade de permanecer na

---

jagunços eram funcionários das companhias (CITLA, Apucarana e Comercial), que cobravam dos colonos as notas promissórias referentes à terra onde viviam. Eram ainda conhecidos como "nortistas", ou seja, aquele que viera do Norte do Brasil ou do Paraná; eles também não eram bem-vistos pelos colonos e conhecidos, por causa da sua perversidade.

terra e de continuar a perpetuar vivências como camponeses e cultivar ali o chão que conquistaram.

Deste modo, neste artigo procura-se analisar a importância social do conflito, colocando em contraposição o passado e a efeméride de 2007. A análise privilegia de que forma, a partir das comemorações, se buscou ofuscar o sentido da luta social nas memórias da Revolta, privilegiando sujeitos e personagens de acordo com o contexto comemorativo.

A fonte primária utilizada é um cronograma comemorativo, o qual, por ser um "cronograma", já indica que parte de uma perspectiva predeterminada de comemorar e mover ações de acordo com o proposto. Esta fonte foi selecionada, por se tratar de um documento oficial, disponibilizado pela PMFB, o qual mostra um panorama geral de como foram organizadas as atividades comemorativas. Não foi possível ter acesso ao projeto comemorativo, ou a outro material, que possibilitasse a visão que o cronograma, apesar de limitado, apresenta.

Antes de uma análise atenta das fontes, é preciso destacar os significados da memória nos dias de hoje em práticas, que, como as de 2007, produzem sentidos que se diferenciam dos da memória propostos pela história. Em reflexão próxima a esta, Pierre Nora trabalha com o tema "Entre memória e história: a problemática dos lugares", (NORA, 1993), no qual toma como base os locais da memória hoje e os discute:

> A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993. p. 7).

Nora elabora colocações importantes que, percebidas ao lado do contexto produzido em 2007, permitem algumas reflexões. Primeiramente, aponta para os "lugares onde a memória se cristaliza", o que já está pronto, acabado, fechado, sem espaços para novas discussões e elaborações, com a cristalização da memória como um momento particular da nossa história.

O autor traz elementos que apresentam uma consciência de ruptura com o "passado", e que ao fazer esse movimento se esfacela ou "quebre em pedaços" a memória, mas que, apesar disso, se coloca como problema. Assim, Nora recorda que existem lugares de memória, como o produzido em 2007 no Sudoeste do Paraná, porém "não há mais meios de memória". Hoje, as dinâmicas de recordar e de se voltar à memória têm por objetivo apenas a "cristalização" direcionada para lugares nos quais ela se encontraria apenas "artificialmente", através de uma construção "cristalizada", deixando de lado vias que poderiam apresentar as vivências heterogêneas da população, para exaltação e homogeneização da memória oficial, dentro deste "contexto particular da nossa história" (NORA, 1993. p. 7). Ou seja, opta-se por celebrar o movimento dos colonos sem a presença dos protagonistas da Revolta, com ênfase apenas nas figuras públicas e políticas que promovem a celebração.

Marieta de Moraes Ferreira reflete questões relacionadas à "perda do passado" nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, trabalha as relações entre a história oral e a identidade, utilizando como eixo central de articulação o tema da comemoração e da ética. A partir disto, Ferreira, ao apresentar Philippe Raynaud, aponta para as

sociedades contemporâneas, assim como para as comemorações e sua importância na "redefinição de identidade:"

> A ideia básica é que as sociedades contemporâneas, preocupadas com a perda do sentido do passado e com o aprofundamento da capacidade de esquecer, têm se preocupado em retornar esse passado e, nesse retorno, procuram caminhos para uma redefinição de identidade [...] [...] Assim, as comemorações ocupam um lugar central no universo político contemporâneo, pois contribuem para definir as identidades e as legitimidades políticas [...] (FERREIRA, 1997, p. 157-64).

Ferreira é específica ao refletir as considerações de Raynaud, quando aponta para as dinâmicas da sociedade contemporânea e a preocupação de "perda do sentido do passado aliada ao aprofundamento da capacidade de esquecer" (FERREIRA, 1997, p. 157-64), concluindo que, como resultado, florescem as comemorações e o retorno ao passado, com intuito de que as sociedades não "esqueçam" suas identidades. Preocupação essa que vem ao encontro à de Nora, que também guia suas considerações neste sentido.

Essas questões permitem pensar o contexto comemorativo de 2007 e quanto o retornar a 1957 procura raízes "para uma redefinição de identidade". Voltar ao passado, buscando caminhos para celebrar e redefinir a identidade da região, por meio da comemoração. Neste sentido, Ferreira destaca o "lugar central no universo político contemporâneo" que as comemorações ocupam, não apenas definindo identidades, mas também apresentando uma "legitimação política" (FERREIRA, 1997, p. 157-64).

Quando a autora se refere às comemorações do mundo contemporâneo e sua contribuição para a afirmação de identidade e também "legitimação política", é possível recordar que o Projeto da PMFB aponta para "um ano de eventos", nos quais se está "resgatando a

nossa identidade histórica, político e cultural" (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p). É possível perceber que as colocações de Ferreira refletem o que é proposto no Projeto Comemorativo, no sentido da afirmação e legitimação política e da busca por uma identidade, no caso para o município e a região.

2. Comemorações e apropriações: o projeto comemorativo da PMFB

Dentro do cronograma comemorativo proposto para o ano de 2007, destacavam-se várias atividades que tiveram início em 2006 e culminaram em outubro do ano seguinte. Assim, o cronograma contava com um total de 11 atividades elaboradas pela PMFB: I: Atividade: "A ocupação das terras do Sudoeste do Paraná". Palestra proferida pelo professor Hermógenes Lazier; II: Logomarca do "cinquentenário da Revolta dos Posseiros"; III: Terceira aula pública de história e show cultural sobre a "Revolta dos Posseiros"; IV: Sexto Concurso Francisco Beltrão de Literatura "50 anos – Revolta dos Posseiros". Este concurso foi apresentado em âmbito nacional; V: Teatro – peça teatral histórica *Revolta dos posseiros*; VI: Projeto Memória Audiovisual dos Pioneiros; VII: Seminário "Revolta dos Posseiros"; VIII: Exposição histórica fotográfica "Revolta dos Posseiros"; IX: Monumento "Revolta dos Posseiros. O levante de um povo, que há 50 anos conquistou o Sudoeste"; X: Lançamento do livro histórico *Revisitando a história – 50 anos – a Revolta dos Posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná*; XI: Cadernos culturais; XII: Troféu – réplica do monumento.

O cronograma, que teve como título "Um ano de eventos para comemorar os 50 anos da Revolta dos Posseiros", foi elaborado pelo Departamento de Cultura (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p). Importa destacar que todas as atividades são intituladas, além de apresentarem data, local, público estimado, público-alvo e quem as realizaria.

Cabe destacar ainda as articulações políticas que envolveram a PMFB e o governo do estado para as comemorações de 2007. O prefeito de Francisco Beltrão era Vilmar Cordasso, do Partido Progressista – PP, o qual tinha o apoio do governador Roberto Requião, o que possibilitou dar amplitude e viabilidade ao Projeto Comemorativo elaborado e executado pela PMFB.

A partir destas questões, foram selecionadas algumas atividades do cronograma, as quais serão trabalhadas na sequência. Diante da diversidade dos eventos comemorativos de 2007, serão apresentadas apenas as atividades consideradas mais relevantes a este artigo, sem desconsiderar, entretanto, as possíveis discussões que surjam relativas às demais.

Ainda no ano de 2006, nos dias 4 e 5 de outubro, foi realizada uma palestra para cerca de 600 professores, alunos e acadêmicos, com o título "A ocupação das terras do Sudoeste do Paraná", proferida pelo professor Hermógenes Lazier. O evento teve as seguintes características:

> Palestra inaugural das comemorações do "Cinquentenário da Revolta dos Posseiros" para professores e monitores das escolas municipais da rede de ensino de Francisco Beltrão, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre o tema a ser

> trabalhado em sala de aula (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

Antes de comentar a atividade, é importante ressaltar que o objetivo não é criticar o discurso proferido pelo professor Hermógenes Lazier.[8] Seu trabalho tem significativo reconhecimento e é uma das principais literaturas que abordam a questão agrária da região. Por outro lado, observando o sentido e o propósito da atividade, nota-se que ela teve como "público-alvo professores, alunos e acadêmicos". É interessante pensar como na primeira atividade se procura refletir a "ocupação das terras da região". É necessário começar pela "ocupação", e criar a consciência que essa identidade que se almeja a partir da Revolta teve suas raízes na ocupação e "colonização" da região. Para tanto, o "público-alvo" foi formado basicamente por professores e alunos. Diante disto, é necessário criar um "senso comum" na região sobre tal identidade, iniciando com alunos e professores, os quais possivelmente poderiam trabalhar o assunto em sala de aula.

Todas as questões encontram-se na programação em um contexto comemorativo. O contexto por si só, de retirar os alunos e professores da sala de aula e deslocá-los até uma palestra,[9] que faz parte de uma comemoração, permite pensar que esse trabalho teve como finalidade a afirmação do "senso comum" de que a Revolta faz parte da "identidade

[8]Hermógenes Lazier foi historiador, formado pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, e escreveu livros e artigos sobre a história do Paraná, em especial, com uma produção significativa sobre a Revolta. Foi ainda, durante muitos anos, militante do Partido Comunista Brasileiro PCB e, nos anos 1990, participou da reformulação e criação do Partido Popular Socialista. Faleceu no início de 2009, aos 77 anos de idade.

[9]A referida palestra foi realizada no "espaço da arte", junto ao Departamento de Cultura da PMFB.

histórica, política e cultural" (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

Isso sem levar em conta qual a "ocupação das terras da região" é considerada na palestra, se trata de uma ocupação anterior à "intensiva" (GOMES, 1986, p. 16), com a presença de populações nativas e sujeitos reconhecidos como caboclos ou da ocupação dos migrantes vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina? Que posteriormente serão os protagonistas do levante. Para responder a esta indagação, seria necessária uma análise atenta do evento, entretanto, o que o cronograma comemorativo permite compreender é que se trata da ocupação sulista e não da anterior a esta.

No cronograma também ganha destaque o concurso para escolha da "Logomarca Cinquentenário da Revolta dos Posseiros", como a segunda atividade comemorativa:

> Concurso para a escolha da logomarca representativa do "Cinquentenário da Revolta dos Posseiros", com o objetivo de selecionar o trabalho que representasse o sentimento da população sobre o movimento agrário de 1957, com premiação em dinheiro para os três primeiros classificados (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

Este trecho evidencia o que significava a logomarca para a região e para a Revolta, pois ela seria a "marca" que representaria o cinquentenário em 2007, ao mesmo tempo em que o trabalho selecionado "representasse o sentimento da população sobre o movimento agrário de 1957". A logomarca não teria que simbolizar apenas a comemoração, mas também o seu objetivo, que é afirmar a Revolta como parte da identidade histórica da população.

Outro ponto que chama a atenção na matéria é o incentivo em dinheiro para "os três primeiros classificados". Nota-se que é preciso

criar a marca, mas para isso é necessário torná-la comercial, lançá-la em disputa na sociedade, para que então se conclua qual delas representaria o "sentimento e a população da região", reafirmando, assim, a identidade da região e estabelecendo uma marca que a represente. A vencedora foi a logomarca criada por Marcos Chiapetti.[10] (Ver Figura 1, p. 9)

Ao analisar a imagem, bem como o texto ao seu lado, é possível tecer considerações sobre o que se privilegia nas comemorações.

Como primeira questão, é perceptível que ao centro foi dada ênfase à cidade de Francisco Beltrão e às "sombras" do levante, como evidencia o texto colocado ao lado da imagem.

A imagem, embora queira apenas ilustrar Francisco Beltrão naquele momento, não apresenta fidedignamente a realidade encontrada na cidade. O intuito parece que era apenas mostrar a cidade em desenvolvimento e seus "marcos": "o Cristo Redentor" e a "torre da Igreja Católica".

[10]Marcos Chiapetti é designer, e em 2011 residia na cidade de Francisco Beltrão.



Figura 1 – Acervo PMFB *apud* VORPAGEL, Edvino Knasel. **A Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em 1957.** Maringá, 2011.

Outro ponto que pode ser destacado é a cor dourada, que realça a cidade ao fundo e o número cinquenta, em contraposição ao escuro ou preto que distingue as "sombras" do grupo de pessoas que representariam os colonos. É importante ressaltar como o "dourado", ao "colorir" a cidade e seus marcos, procura passar uma boa impressão do presente e do desenvolvimento, enquanto o preto das sombras, representando o movimento social, demonstra o que já se foi ou o que é apenas uma sombra do passado, em oposição ao destaque do dourado no presente.

Na mesma imagem são apresentados os personagens que teriam realizado o levante em Francisco Beltrão e, logo abaixo, a legenda: "O

levante de um povo, que há cinquenta anos conquistou o Sudoeste" (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p). O termo "o povo que conquistou o Sudoeste" dá a entender que a região, a partir da Revolta, passou a ter uma nova "identidade", pois através de um movimento se retoma o que não lhe pertencia mais, ou seja, se "reconquista" a região e lhe atribui novos sentidos.

Em relação à imagem escolhida para a logomarca, dentre inúmeras que expressaram a luta protagonizada no levante, a selecionada foi a que não mostra armas nem expressa de forma significativa a luta dos colonos. Ela apenas dá destaque à bandeira do país, elevando ainda mais a região ao contexto nacional.

Assim, o sentido que a imagem procura construir não é de um movimento com significativa resistência, no qual colonos exerceram expressiva mobilização, e sim o de proclamar a ascensão da região ao contexto nacional, bem como apresentar a cidade em destaque junto aos monumentos e prédios, marcas do "progresso" e do "desenvolvimento".

Na representação que deveria exaltar a luta dos colonos, deu-se ênfase central à Bandeira Nacional, sem armas e sem expressão de resistência, com uma passividade peculiar dessa "sombra". O movimento de 1957 está apenas representado como mera "sombra". As pessoas que antes faziam parte desta imagem não mais a representam, pois a imagem que demonstrava a vitória dos colonos perante as companhias, agora se resume a um passado, e é apenas uma "sombra" diante do "desenvolvimento" da cidade, em meio a prédios e marcos que a representam, que, por sua vez, assinalam o horizonte da logomarca e da imagem que se busca construir.

É possível ainda refletir qual imagem Francisco Beltrão quer passar para a região e a nação. Neste sentido, os prédios ao fundo poderiam ser considerados marcos de um município em "desenvolvimento", assim como os dois principais pontos turísticos da cidade — o "Cristo Redentor" e a "torre da Igreja Católica" — seriam símbolos que a representariam.

Além disso, ao se observar a "sombra", assim como a legenda, pode-se concluir que de fato foi uma "Revolta", mas uma Revolta do povo. Não foi uma Revolta de colonos nem de posseiros, mas "de um povo que conquistou" novamente a região, oferecendo à localidade e à cidade uma identidade fundada na história da colonização, tendo como referência a Revolta.

Observando a logomarca em seu conjunto, sem considerar a sua representação ao cinquentenário, nota-se que ela possui características de um "cartão-postal", em virtude da disposição das imagens nela expostas. Além disso, importa destacar que não se enfatiza a luta dos colonos, mas sim a "conquista" no sentido pacificador, dando a entender que a região apenas foi ocupada novamente, sem luta e, principalmente, sem conflitos sociais.

A imagem escolhida para a logomarca é uma reprodução de algumas fotografias produzidas no dia do levante em Francisco Beltrão. Neste sentido, imagens similares a esta apresentavam armas e pessoas com fisionomias de colonos ou homens do campo, como mostra a Figura 2.



Figura 2 – JANSEN, Oswaldo. **Colonos na Revolta de 1957 no Sudoeste do Paraná.** 1957. (Acervo PMFB)

A imagem exibida é uma das inúmeras produzidas pelo fotógrafo Oswaldo Jansen,[11] em outubro de 1957, na cidade de Francisco Beltrão. As fotografias de Jansen são um dos poucos registros do levante de 10 de outubro de 1957.

A imagem apresentada na Figura 2 foi a inspiradora da utilizada na logomarca que, provavelmente, foi reproduzida por outro ângulo, pois nota-se que a sombra da bandeira que nela é mostrada é realmente a da Bandeira Nacional. Já o grupo de pessoas da logomarca difere daquele que aparece na fotografia de Jansen, na qual se observa uma multidão mostrando ostensivamente suas armas, com orgulho, como quem exibe

[11]A única informação encontrada sobre Jansen é que ele foi um importante fotógrafo do periódico *O Estado do Paraná*. Já falecido, foi um dos principais fotógrafos a registrar o levante de 1957, em especial na cidade de Francisco Beltrão. Seu acervo sobre a Revolta é considerado um dos mais ricos.

um troféu e sua força social. É perceptível que as armas são exaltadas, tentando representar a luta e a vitória dos colonos na Revolta, fato este que contradiz o discutido anteriormente com relação à logomarca e o que realmente ela quer demonstrar.

Seguindo a análise do cronograma proposto pela PMFB para as comemorações dos 50 anos da Revolta dos Posseiros, a atividade IX foi reservada à inauguração de um monumento alusivo ao cinquentenário:

> Construção e inauguração de monumento comemorativo na Avenida Júlio Assis Cavalheiro com a travessa Frei Deodato. Peça em concreto armado com mosaico artístico de pastilhas de vidro, estampando a imagem da fotografia de Oswaldo Jansen em 10 de outubro de 1957, onde os posseiros conduzem a Bandeira do Brasil (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

Antes de apontar outras questões e também refletir sobre a programação exposta na atividade IX do cronograma, destaca-se, na Figura 3, a imagem do monumento construído para as comemorações de 2007, na cidade de Francisco Beltrão:



Figura 3 – ORBEN, Tiago A. **Monumento comemorativo dos 50 anos da Revolta dos Posseiros.** Francisco Beltrão, 2008.

Inicialmente é dada ênfase à localização do referido monumento, que se encontra no centro da cidade, no Calçadão Central de Francisco Beltrão, em um local estratégico e onde há intenso movimento de pessoas. Localizado na Avenida Júlio Assis Cavalheiro, uma das principais da cidade.

No cronograma destaca-se a fotografia utilizada no monumento, lançando o crédito ao fotógrafo Jansen. A imagem é a mesma da logomarca, mas no monumento aparece de forma diferente, pois as "sombras" de antes ganham rostos, porém não fiéis à imagem original. Ainda se distingue papéis brancos no chão, representando as

promissórias ou os contratos "rasgados" após o levante. De acordo com o cronograma, a inauguração do referido monumento foi marcada para o dia 10 de outubro, a mesma data na qual, em 1957, aconteceu o levante.

Mas o que mais chama a atenção ao analisar a imagem é a "união" de um grupo de pessoas junto à Bandeira do Brasil. Ponto esse exaltado no cronograma: "onde os posseiros conduzem a Bandeira do Brasil" (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

Conforme mencionado anteriormente, é clara a intenção de tornar nacional o acontecido. Se em 1957 a imagem, assim como inúmeras outras, foi produzida para exaltar e afirmar a vitória e a conquista da terra por parte dos colonos, na comemoração o sentido passou a ser outro.

No contexto de 2007, a imagem foi "conduzida" não para caracterizar a luta pela terra e a vitória dos colonos, mas sim para enaltecer a região em nível nacional, enquadrando a Revolta como identidade da região. Traz assim a história da colonização para formar "a nossa identidade histórica, política e cultural", como base em um movimento que não teve esse intuito.

Além disso, ao minimizar a luta social dos colonos e sua conquista da terra se tem por objetivo na atualidade a desmobilização dos movimentos sociais, em especial, em uma região em que tais movimentos já ocorreram. Neste sentido, as novas dinâmicas que se apresentam para a região, na afirmação de uma agricultura voltada ao agronegócio, visam à desvalorização das lutas camponesas, tendo em vista a propriedade privada e a produção agrícola voltada à exportação.

Mais uma questão que ganha destaque é o outro lado do monumento, que apresenta araucárias. (Ver Figura 4, p. 14)

A partir disto, é possível refletir sobre a própria constituição dos marcos do estado do Paraná, que tem como um dos seus símbolos a araucária. Importa destacar outra vez o que já havia sido apontado anteriormente sobre a afirmação da região. Neste caso, perante o contexto nacional. As araucárias no monumento da Revolta não são apenas para demonstrar que elas existiam na região, mas sim para exaltar que o movimento foi no Paraná, em específico em uma localidade caracterizada por possuir naquele período uma densa floresta de araucárias. A araucária não é simplesmente um símbolo paranaense, mas também caracteriza a região e, por isso, é importante que apareça no monumento, para afirmar que o movimento não foi somente paranaense, mas, acima de tudo, da região Sudoeste do Paraná, conhecida em nível nacional pela sua já quase extinta floresta de araucárias.



Figura 4 – KOLING, Paulo José. **Monumento Comemorativo dos 50 anos da Revolta dos Posseiros.** Francisco Beltrão, 2011.

Neste sentido, é possível verificar um movimento comemorativo voltado não para os colonos que lutaram pela terra em 1957, mas sim uma celebração de acordo com premissas identitárias homogêneas, nas quais é preciso construir "identidades e lugares de memória", e que, para tanto, o meio público político atua como intermediador e ao mesmo tempo como protagonista de tais ações.

Seguindo esta reflexão, com base no cronograma comemorativo, destaca-se outra atividade que ganhou evidência no processo de comemorações: a Aula Pública de História e Show Cultural Revolta dos Posseiros (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA

MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p), que foi destacada da seguinte forma:

> No aniversário de 49 anos da "Revolta dos Posseiros", exatamente no mesmo local onde houve a grande concentração de posseiros, foi realizada a palestra "O Cinquentenário da Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná" para acadêmicos, historiadores e comunidade em geral, com o objetivo de resgatar e incentivar a pesquisa sobre a história da "Revolta dos Posseiros" (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p).

A mesma matéria é concluída apontando para o público-alvo do evento, que seria basicamente acadêmico, do Centro Universitário do Paraná, Unipar, além de alunos do Ensino Médio e comunidade em geral. Para tanto, vale destacar quem promoveu a atividade, em conjunto com a PMFB, que foi a Unipar,[12] uma das maiores universidades privadas do estado e do país.

Ao analisar a atividade, nota-se que procurou-se elevar o aniversário de 49 anos da Revolta. Um ano antes do cinquentenário, a cidade já "monta o palco da comemoração", que, basicamente, seria o local onde a atividade seria desenvolvida, qual seja, no Calçadão Central da cidade. Local este que é sublinhado como o "mesmo local onde houve a grande concentração de posseiros".

Essas questões, se analisadas com cuidado, confirmam a tese abordada por Nora de que não há mais meios de memória, mas sim locais de memória (NORA, 1993), como o Calçadão Central de Francisco Beltrão, local escolhido para a palestra e aula pública de história, que é

[12]Fundada em 1972, na cidade paranaense de Umuarama, a Unipar conta com mais de 20 mil alunos, distribuídos em sete campi, com um total de 34 cursos de graduação e mais de 30 cursos de pós-graduação e educação a distância. É considera uma das maiores faculdades privadas do estado do Paraná e do país.

o mesmo do monumento, da peça de teatro[13] *Revolta dos posseiros* (DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2011, s/p) e de inúmeras outras atividades realizadas neste "lugar de memória".

Neste sentido, é notável o incentivo e a participação da Unipar e de seus acadêmicos, principalmente de história, assim como de alunos de Ensino Médio. A partir disto, a atividade tinha como fim principal "incentivar a pesquisa sobre a história da Revolta dos Posseiros". Este "incentivo" partiria da palestra proferida por Ismael Vannini.

Nesta atividade, é interessante perceber a construção de um direcionamento do que se deve pesquisar e como se deve pesquisar. Os acadêmicos de história e os alunos de Ensino Médio — que no máximo em três anos iniciariam um possível curso superior — tinham um "incentivo" abertamente direcionado: proporcionar a produção de consenso sobre o assunto. Mas essa produção tinha a intenção, nos moldes propostos pelos quadros da comemoração, de apresentar a Revolta pensando e construindo uma dada identidade para a cidade e para a região, com base nas premissas que moveram a comemoração de "resgatar" a "identidade histórica, político e cultural", que passaria a fazer sentido naquele momento.

A comemoração, organizada pela PMFB, lançava a necessidade de produzir a "História da Revolta" no meio escolar e acadêmico. Entretanto, sua escrita ocorre a partir de perspectivas predeterminadas

[13]A peça de teatro *Revolta dos posseiros* foi a "V" atividade desenvolvida nas comemorações propostas pela PMFB, no ano de 2007. Basicamente, a referida peça teve como público-alvo estudantes e a comunidade em geral. Ela foi escrita pelo jornalista Ivo Pegoraro e apresentada pela companhia de teatro Théspis.

e direcionadas, de acordo com o que o processo comemorativo pretendeu promover.

Tudo isso aconteceu um ano antes da comemoração dos cinquenta anos da Revolta. Os acadêmicos, bem como os alunos, já podiam começar a produzi-la, pensando e refletindo "dentro" deste contexto comemorativo. Estruturava-se o "palco da comemoração", sendo que tal celebração já estava presente entre o meio político e social.

É notável ainda uma valorização da "História da Revolta dos Posseiros", mas o que se deseja é que esse destaque não saia das premissas da comemoração oficial, de uma "verdadeira" Revolta dos Posseiros. A efeméride elaborada pela PMFB procura incentivar a pesquisa sobre o tema, entretanto não dá valor à luta dos colonos, e sim o que já está predeterminado e aceito como senso comum, dentro da comemoração e da história que se deve contar e valorizar.

Michel Pollak, em "Memória, esquecimento, silêncio" (POLLAK, 1989), estabelece uma análise em que trabalha a memória coletiva já solidificada, em contraposição à produção de memórias subterrâneas, essas, como parte das "culturas minoritárias e dominadas". Pollak aponta para a memória oficial e para a história oral que, nos últimos tempos, privilegiou as chamadas memórias minoritárias.

Nesta perspectiva, Pollak observa como, na atualidade, estamos cada vez mais lidando com os "fatos sociais como coisas", tendo em vista a perspectiva de uma "memória oficial": "[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade" (POLLAK, 1989, p. 3-15).

Os pontos abordados pelo autor são precisos ao situar o modelo de memória enquadrada com que lidamos, enfatizando como função do pesquisador pensar "por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade". Isso se enquadrando facilmente na chamada "memória oficial" (POLLAK, 1989, p. 3-15).

3. Considerações Finais

Neste sentido, é possível refletir como nas comemorações de 2007 os fatos sociais, no caso em destaque o levante dos colonos, se perpetuam como consenso de que o recordar por si só não é afirmativo, sendo necessárias efemérides para que o movimento de "trazer o passado" tenha "duração e estabilidade". A partir disto, as manifestações comemorativas não assumem o papel de tornar a celebração apenas um ato de exprimir-se pública e politicamente, pois, além disso, perpetuam e dão "duração e estabilidade" (POLLAK, 1989, p. 3-15) a uma nova forma de perceber a manifestação social como duradoura e "cristalizada", já moldada para as efemérides que se solidificam como única e verdadeira expressão, no caso, de um movimento social.

Assim, neste artigo foi realizada uma análise da comemoração elaborada pela PMFB, refletindo, com base em um cronograma comemorativo, como a Revolta de 1957 foi reapropriada em seu cinquentenário. Para tanto, foi possível examinar como, a partir da busca e criação de uma memória social e da construção de uma identidade para a região, por vezes homogênea e destituída dos sentidos sociais, se desqualifica a luta social de 1957.

Essa é uma das principais questões que o presente artigo procurou refletir: de que maneira as efemérides comemorativas minimizam a luta e a organização social dos camponeses, ao mesmo tempo em que são exaltadas figuras as políticas nas comemorações. Desta forma, as celebrações públicas e a monumentalização do levante dos colonos procuram apresentar uma nova memória sobre o ocorrido, uma memória conveniente às figuras públicas que organizaram as comemorações, notadamente de um movimento social sem armas e pacificamente constituído em nome da integridade daqueles que ocupavam o Sudoeste do Paraná.

Temos assim a construção de uma diferenciação, isto é, o movimento social de 1957 nas efemérides — de 2007 e de anos posteriores — é pacífico, se reelabora a memória da Revolta de 1957 a partir de marcos para que fique evidente a todos que este movimento social não teve a participação do PCB ou foi fonte de inspiração para outros movimentos sociais que atuaram na região, como o MST. Esta constatação se apresenta como provocação, para que a historiografia que pesquisa a região e sua luta social observe como foi abordado, e porventura será, este movimento social em outras comemorações.

Fontes

Figura 1 – Acervo PMFB *apud* VORPAGEL, Edvino Knasel. **A Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em 1957.** Maringá, 2011.

Figura 2 – JANSEN, Oswaldo. **Colonos na Revolta de 1957 no Sudoeste do Paraná.** 1957. (acervo PMFB).

Figura 3 – ORBEN, Tiago A. **Monumento comemorativo aos 50 anos da Revolta dos Posseiros.** Francisco Beltrão, 2008.

Figura 4 – KOLING, Paulo José. **Monumento Comemorativo aos 50 anos da Revolta dos Posseiros.** Francisco Beltrão, 2011.

DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Um ano de eventos para comemorar os 50 anos da "Revolta dos Posseiros"**. Cronograma de atividades comemorativas: Organizado por, Tânia Maria Penso Ghedin. Disponibilizado em 5 de julho de 2011.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa:** o Sudoeste paranaense. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1981.

AMÂNCIO, Silvia Maria. **Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico**: A Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História – UEM, Maringá – PR, 2009.

BATTISTI, Elir. As disputas pela terra no Sudoeste do Paraná: os conflitos fundiários dos anos 50 e 80 do século XX. **Campo-Território:** Revista de Geografia Agrária. v. 1, n. 2, p. 65-91, ago. 2006.

CARNEIRO, Maria Esperança. **A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas.** Goiânia: Cegraf, 1981.

DAMBROS, Vanderlei et al. **1957-1997:** A Revolta dos Colonos. Francisco Beltrão: Grafit – Gráfica e Editora Ltda., 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História.** Ética e história oral, São Paulo, n. 15, p.157-64, abr. 1997.

GOMES, Iria Zanoni. **1957:** A Revolta dos Posseiros. Curitiba: Criar Edições, 1986.

GRYNSZPAN, Mario. Posseiro. In. **Dicionário da Terra.** MOTTA, Márcia (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense.** 3. ed. Francisco Beltrão: GRAFIT Gráfica e Editora Ltda., 1998.

MARTINS, Rubens da Silva. **Entre jagunços e posseiros.** Curitiba: Studio GMP, 1986.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, PUC – SP, n. 10, 1993.

ORBEN, Tiago Arcanjo. **As comemorações da Revolta dos Colonos/Posseiros no seu cinquentenário:** Francisco Beltrão/PR, 2007. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso/História, CCHEL-Colegiado de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2011.

PEGORARO, Éverly. **Dizeres em confronto:** a Revolta dos Posseiros de 1957 na imprensa paranaense. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História, UFF – Unicentro. Niterói – RJ, 2007.

_____; "Revolta dos Posseiros de 1957: consensos e desacordos de algumas interpretações". **Revista Ideas – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 109-33, jan.-jun. 2008.

POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FVG, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

VOLTOLINI, Sittilo. **Retorno 2**. Pato Branco na Revolta dos Posseiros de 1957. 2. ed., Pato Branco: Fatex, 2003.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste:** ocupação e colonização. 2. ed. Curitiba: Lítero-Técnica, 1987.